
Livros de Plutarco: biografia e escrita da história no Brasil do século XIX

*Temístocles Cezar**

Resumo: O objetivo deste artigo é o de analisar as relações entre a biografia e a escrita da história no Brasil do século XIX a partir de dois exemplos: a obra de João Manuel Pereira da Silva (1817-1898) sobre os *Varões illustres* do período colonial brasileiro, e a *Galeria de brasileiros illustres*, porém *contemporâneos*, organizada pelo francês Sébastien Auguste Sisson (1824-1893).

Palavras-chave: biografia, escrita da história, historiografia.

Abstract: The objective of this article is to analyze the relationship between biography and writing of Brazil's history of the 19th century. For this purpose it works with two examples: the work of João Manuel Pereira da Silva (1817-1898) on *Varões illustres* of Brazilian colonial period, and the *Galeria de brasileiros illustres*, but *contemporary*, organized by the French man Sébastien Auguste Sisson (1824-1893).

Key words: biography, writing of history, historiography.

*Quando o historiador ou o biographo tem um
respeito religioso à verdade, os seus escriptos fecundam.*

Manuel de Araujo Porto Alegre,
Revista do IHGB, 1856.¹

Dos usos da biografia

“Não escrevemos histórias, mas vidas», assinala Plutarco na biografia de Alexandre (Plutarco, 2001, p. 1.227). Arnaldo Momigliano lembra que “em nossos dias, ninguém, sem dúvida, contesta que a biografia seja uma categoria da história” (Momigliano, 1991, p. 17). As relações entre biografia e história têm, portanto, uma historicidade que se caracteriza por distanciamentos, mas também por aproximações, por trocas e contribuições mútuas.

* Professor do Departamento de História e do Programa de Pós-Graduação em História da UFRGS; e-mail: tcezar@orion.ufrgs.br

No Brasil do século XIX, biografia e história protagonizam contatos mediados por duas questões: a constante busca de marcas de cientificidade e a tarefa de se escrever a história da nação. Em ambos os casos, era preciso romper com a *poética da história* presente na cultura histórica oitocentista, o que exigia um grande esforço, uma vez que aqueles que praticavam a pesquisa em história, sobretudo os membros do Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro (IHGB), fundado em 1838, não tinham muito claras as distinções necessárias para a definição de um campo científico. Além disso, suas disposições intelectuais não eram limitadas à ciência: poetas e literatos em geral compartilhavam a mesma casa, não sendo raro o exercício de atividades duplas; nem sempre ser poeta ou romancista era incompatível com ser historiador; e ir de um gênero a outro era uma opção, não uma impossibilidade intelectual.

Esse ciclo político-epistemológico é parcialmente resolvido ao longo do século. Narrar a vida de grandes ou ilustres brasileiros foi um dos caminhos escolhidos. Assim, em 1839, Januário da Cunha Barbosa, então primeiro-secretário do IHGB, propõe aos seus membros um projeto biográfico, com o objetivo de “arrancar ao esquecimento, em que jazem sepultados, os nomes e feitos de tantos illustres Brasileiros, que honraram a patria por suas letras e por seus diversos e brilhantes serviços” (Barbosa, 1839, p. 14). Esses homens seriam o resultado inexorável das potencialidades do próprio Brasil, e a história de suas vidas, as provas deste destino grandioso.²

As biografias fazem parte, por conseguinte, do mesmo regime de historicidade que orienta os demais planos historiográficos do IHGB e de parte considerável da elite intelectual brasileira ao longo do século XIX: a *historia magistra vitae* (a história mestra da vida) promotora de *exempla* (de modelos) a serem seguidos: “na vida dos grandes homens aprende-se a conhecer as aplicações da honra, a apreciar a gloria e a affrontar os perigos, que muitas vezes são causa de maior gloria.” O fundamento, a base de tudo, aquele em que os historiadores devem se inspirar, “no limite copiar os princípios e métodos não é outro senão Plutarco: o livro de Plutarco he uma excelente escola do homem, porque offerece em todos os generos os mais nobres exemplos de magnanimidade” (Barbosa, 1839, p. 15). A partir dele, a empresa biográfica e aquilo que a justifica fazem-se notar: produzir a imitação no leitor (Hartog, 2001, p. 14). Para isso, fazia-se necessária a criação de um *panteon* nacional.³

A *Revista do IHGB* torna-se um local importante para a publicação dessas biografias (Enders, 2000, p. 43). Assim, duas décadas após a proposta de Barbosa, em 1858, o presidente do IHGB Cândido José de Araujo Vianna, Visconde de Sapucaí, fazia um balanço positivo do projeto biográfico: “O

Brasil abunda de modelos de virtudes, de varões distintos por seu saber e brilhantes qualidades.” A *Revista* os tem apresentado “em bem ordenada galeria, collocando-os segundo os tempos e logares, para que fossem melhor percebidos pelos que anhelam seguir os seus passos nos caminhos da honra e da gloria nacional” (Vianna, 1858, p. 504). Os mais importantes historiadores do IHGB (Januário da Cunha Barbosa, João Manuel Pereira da Silva, Joaquim Norberto de Sousa Silva, Manuel Duarte Moreira de Azevedo, Joaquim Manoel de Macedo, Francisco Adolfo de Varnhagen, entre outros) ocuparam-se da redação dessas vidas. Entretanto, esses grandes historiadores não escreveram grandes biografias. Na verdade, tratam-se de pequenas notícias biográficas que não ultrapassam mais de duas ou três páginas. A biografia, como gênero historiográfico autônomo e mais sofisticado, desenvolve-se mais para o fim do século XIX (Rodrigues, 1978, p. 210).

Em todo o caso, esta primeira organização biográfica integra-se à escrita da história do Brasil. Ela auxilia na criação de uma ordem do tempo, o tempo da nação, e na definição de um espaço de atuação: o território brasileiro. Nem um nem outro, contudo, estavam totalmente constituídos. Biografia e história fazem parte, portanto, de um mesmo plano nacional.

Por outro lado, a *Revista do IHGB* não é o único espaço onde se publicam biografias no Brasil do século XIX. O gênero também se manifesta em produções independentes do IHGB, mesmo que alguns autores tenham com ele um vínculo institucional, ou simplesmente sigam os seus princípios e a mesma inspiração. O objetivo deste artigo é o de analisar dois exemplos dessa tendência externa, porém com repercussões no IHGB: a obra de João Manuel Pereira da Silva (1817-1898) que traça a biografia dos *varões illustres* do Brasil durante o período colonial; e a *Galeria de brasileiros illustres, porém contemporâneos*, organizada pelo francês Sébastien Auguste Sisson (1824-1893), que se constitui, de certa maneira, em um complemento ou em uma continuação daquele.

Os estudos biográficos, contidos nos trabalhos desses autores, também têm por meta criar o exemplo, o exemplar, integrado à *retórica da nacionalidade*, discurso historiográfico e político extremamente persuasivo desenvolvido ao longo do século XIX, tanto no IHGB como fora dele, tanto na história como na literatura (Cezar, 2002). Contudo, tanto o trabalho do brasileiro como o do francês revelam bem mais do que simples dados biográficos. Desse modo, enquanto as biografias de Pereira da Silva sinalizam para concepções sobre o que é a história, qual é a tarefa dos historiadores, como eles devem escrever a história e qual suas relações com os paradigmas antigos, aquelas apresentadas na obra de Sisson visam estabelecer uma relação mais consistente entre biografia e história, sobretudo com a história do

tempo presente, conferindo, desse modo, ao *panteon* da nação sua versão do que é o homem ilustre atual. Trata-se portanto de uma boa oportunidade para se tentar entender um momento de aproximação entre os dois gêneros, onde as biografias funcionam como princípio de emulação e também como recurso narrativo para a história.

O Plutarco brasileiro

João Manuel Pereira da Silva é o autor de um conjunto biográfico cujo título chama imediatamente a atenção: *O Plutarco brasileiro*, publicado em 1847. O trabalho, revisto e aumentado, foi publicado em Paris, em 1858, sob o título *Os varões illustres do Brazil, durante os tempos coloniais*. Essas obras fazem, evidentemente, eco a algumas idéias de Januário da Cunha Barbosa. Pereira da Silva, por exemplo, na epígrafe que abre *Os varões*, não deixa dúvida quanto ao regime de historicidade no qual seu empreendimento intelectual se coloca: “A história não tem parte mais agradável e mais instrutiva que a vida particular dos grandes e virtuosos personagens que se distinguiram no teatro do mundo.” A citação de Victor Cousin revela uma das variações da *historia magistra* preconizada por Barbosa em seu projeto. Igualmente importante foi a recepção da obra no IHGB, divulgada pelo próprio autor no prefácio de 1858. O depoimento de Manoel Araújo de Porto Alegre foi um dos comentários escolhidos:

O Plutarco Brasileiro é um momento triunfal; é uma obra de longo folego, que ganhará de dia em dia novas perfeições, novos toques de remate com o andar dos annos, com a colheita dos factos, com o engrandecimento do numero, e com a perfeição e a madureza que o tempo estampa em todos os trabalhos historicos. Este livro brindado às lettras do paiz terá longa duração, e augura ao seu auctor uma nomeada duradoura, si elle durante a sua vida o for retocando, e ampliando como convêm: um erro estampado é um veneno que se lança à posteridade; é um ponto falso de projecção no perimetro da historia; e toda a humanidade é desviada da senda da verdade, logo que os idealistas ou historiadores falsificam os acontecimentos (Silva, 1858, p. 9).⁴

Ao situar o *Plutarco brasileiro* como um *momento triunfal*, Porto Alegre concede ao trabalho de Pereira da Silva uma dimensão temporal que não havia escapado à proposta de Barbosa em 1839: a constituição do projeto biográfico precisa de tempo para evoluir e se realizar. A transformação do *Plutarco brasileiro* em *Os varões illustres* tenta, de um lado, responder a essa pressão das circunstâncias externas e, de outro, corrigir e aprofundar as análises prematuras da primeira versão, considerada pelo autor como um

ensaio. Ferdinand Denis, J. J. da Rocha e Rodrigo Pontes, por exemplo, criticaram o *Plutarco brasileiro* por sua desordem cronológica. Pereira da Silva aceitou a crítica. Desse modo, na segunda versão, o autor estabelece um plano que começa no século XVI e termina no final do século XVIII. A inserção dos *Varões illustres* em uma galeria ordenada cronologicamente faz parte de um movimento mais amplo, desse esforço coletivo para organizar a história brasileira, e construir uma temporalidade e espacialidade animadas pelos homens ilustres do Brasil.

O *Plutarco brasileiro*, porém, recebeu críticas mais severas. Mesmo que tenha sido julgado pretensioso por alguns, não há dúvida de que ele inaugura uma série de publicações do mesmo gênero (Enders, 2000, p. 45). Pereira da Silva, contudo, não tem nenhuma preocupação de tecer comentários metodológicos ou propor algum tipo de orientação teórica sobre a melhor maneira de se escrever uma biografia. A introdução à segunda edição é, nesse sentido, absolutamente decepcionante. O autor chega mesmo a afirmar que só conservou “a formula biographica por que havia merecido geral aprovação”! Embora *popular*, decididamente não se trata de um gênero no apogeu de seu momento *científico*. Por outro lado, nas notícias biográficas, encontram-se certas observações interessantes a propósito do ofício do historiador e do estudo de biografias.

Pensar a história a partir de uma biografia de um historiador: Rocha Pita

Para escrever sobre Sebastião da Rocha Pita (1660-1738), baiano, autor de uma *História da América portuguesa* (1730), Pereira da Silva teve que formular um número considerável de reflexões sobre a história. Ele começa por uma distinção entre duas escolas históricas: a *descriptiva* e a *fatalista*. A primeira ocupa-se somente com a narração dos acontecimentos da história, tendo por missão especificamente: “pintar os costumes, e descrever as physionomias, sem que ousem aventurar a menor observação, a mais ligeira analyse, e o juizo mais breve”. Essa concepção de história não passa, portanto, de uma “acta fiel e verdadeira dos tempos; a chronica dos factos succedidos; a descripção dos diversos dramas, e das peripecias differentes, que se tem realisado; o desenho dos caracteres, e o desenvolvimento da marcha das acções humanas.” Enfim, o historiador dessa escola deve ter “a mais absoluta neutralidade, e a mais escrupulosa imparcialidade” (Silva, 1858, p. 190).

A segunda escola é, como seu próprio nome indica, aquela “que pesquisa e relata os grandes acontecimentos do mundo apresentando-os como

efeitos de um fatalismo”. Para ela, a moral está separada da “ação humana”. Conseqüentemente, essa ação não é um gesto livre:

Portanto não tem imputação; o homem, a intelligencia, a moral, a religião e a consciencia, não tem dominio, nem influencia e nem vontade nos acontecimentos, que não são mais do que os vinculos de uma cadeia inabalavel, e que se ligam e se succedem pela força do destino: tem as cousas um curso regular que devem rigorosamente seguir. São os homens apenas instrumentos do destino; está de antemão marcada a sua missão, que ha de ser necessariamente cumprida (Silva, 1858, p. 192).

A escola *fatalista* subdivide-se em duas vertentes: “a vereda religiosa, philosophica e symbolica; e a vereda sceptica, material e athéa”. A primeira procura “a razão espiritual dos factos”. Tudo é uma decorrência de Deus, “perante o qual o homem e os seus feitos desaparecem como a voz no deserto”. A segunda visa ao “systema da perfectibilidade material”. Os fatos têm “uma marcha necessaria e logica” e as ações não comportam “uma imputação moral, porque o fim, as circumstacias e a posição do homem e das nações o arrastam, dominam e influenciam”. Essa segunda escola também reparte-se em duas tendências: a primeira é aquela de Vico, Herder, Bossuet, Hegel e Ballanche; a segunda “nascida das theorias da revolução de 1789, e inteiramente franceza, estraga a vida, desmoralisa a consciencia, e perturba o espirito”. Apesar da presença de certas características fundamentais do trabalho histórico nas duas escolas, sobretudo no nível da escrita da história, além das exigências de *neutralidade* e de *imparcialidade* da *escola descriptiva*, Pereira da Silva rejeita as duas concepções. Para ele, existe apenas uma “verdadeira” escola histórica que “não é nem a descriptiva nem a fatalista. A verdadeira e unica escola historica é a de Tacito e de Thucydides; é a de Gibbon e a de Niebuhr; é a de Machiavelli e de Muller; é a de Plutarco e de Thierry; é a de Polybio e de Lingard”. A grande diferença entre essa escola e as duas outras é que ela se define a partir de sua relação com as fontes:

Deve caracterisar o historiador o amor da verdade, e só da verdade; para consegui-la, torna-se necessario um zelo de exactidão, um escrupulo de paciencia a toda a prova; os tumulos, os monumentos, os epitaphios, serve-lhe tudo; decifrará com o mesmo cuidado os velhos e estragados archivos, os torturados documentos, e os livros e aceiados; procurará a verdade no meio do pó dos manuscritos, e a custa de vigalias e fastiosos trabalhos; e conseguida a verdade, necessitará de todo o sangue frio do seu juizo para distribuir a justiça, e analysar com imparcialidade (Silva, 1858, p. 193-194).

Pereira da Silva comprova o alargamento da noção de documento na cultura histórica brasileira no século XIX. A *verdade histórica* não se encontra exclusivamente nos arquivos, mas também em outros vestígios. O historiador-biógrafo pode beneficiar-se dessa dilatação documental. A partir de então, ele pode procurar, medir e demonstrar a obra de um grande homem em um campo mais vasto. Todavia, o historiador deve ter certas capacidades: “ser filósofo, estadista, poeta, jurisprudente, financeiro, theologo e militar; necessita enfim o historiador de possuir uma universalidade de instrução superior talvez à que Cicero exigia para o seu orador” (Silva, 1858, p. 195). De uma certa maneira, Pereira da Silva corrobora a pluralidade de concepções, que se nota no interior do IHGB, para se definir aquilo que é ou deve ser um historiador. Este nunca é exclusivamente um *historiador*, sempre tem duplos. Todas essas figurações do historiador refletem-se na escrita da história. Assim, após ser “examinada e conhecida a verdade dos acontecimentos, ouvida a voz dos seculos passados, mas a voz propria e verdadeira, cumpre ao historiador narrar e descrever ainda, e de par com a narração e a descripção julgar e moralisar” (Silva, 1858, p. 196). Essas ações cognitivas conduzem, também, ao melhor modo de se organizar o texto histórico:

A descripção e a moralisação, a pintura e o juizo, a narração e o raciocínio, são os elementos indispensaveis para traçar-se o grande quadro dos acontecimentos humanos, indagar-lhes as causas, descobrir-lhes os resultados, ligar a vida do individuo à vida da sociedade, reunir o homem à especie, e formar assim a grande lição para que foi instituida a historia. Verdade e comprehensão, justiça e intelligencia, sabedoria e imaginação, é lhe tudo necessario para dar vida à sua historia, alma à sua narração, interesse à sua obra, physionomia peculiar às epochas que descreve, e vestes proprias aos acontecimentos que narra (Silva, 1858, p. 197-198).

A escrita da história segue, assim, um princípio narrativo muito próximo às teorizações românticas do final do século XVIII e do início do século XIX, em torno da *cor local*. A presença dessa noção é fundamental à cultura histórica brasileira do século XIX. Nela, estão reunidas certas diretrizes capazes de tornar mais atrativa a leitura da história da nação ao expor fontes áridas ou herméticas, porém conservando sua dimensão criativa. A despeito de seu evidente valor poético, de seu constante apelo à imaginação, de uma perspectiva onde o prazer estético não é desprezível, a aplicação dos princípios da *cor local* funciona como uma das premissas da organização narrativa, pois os historiadores da nação têm necessidade de cativar seu leitores com uma história que seja verdadeira e agradável de se ler. O uso da *cor local*

como estratégia textual da narração histórica, portanto de uma narração verdadeira, para se aproximar do leitor, implicava, contudo, colocar em movimento uma série de conhecimentos prévios, ou seja, é necessário estudar e fazer pesquisas antes de *pintar*.⁵

Nesse sentido, a presença do par *sabedoria e imaginação* emerge de modo significativo. Mesmo que, ao que tudo indica, para Pereira da Silva o fato de o *conhecimento fazer apelo à imaginação não anule a fronteira que os separa* (Pomian, 1999, p. 77), a simples menção dessa relação traz à tona sinais de subjetividade. Trata-se, de certa forma, de uma contrapartida às pretensões de *neutralidade e imparcialidade da escola descritiva*, onde a imaginação não interfere (ou não deveria interferir) na produção do saber. Contudo, a imaginação não é a única dimensão subjetiva do texto de Pereira da Silva. O estilo na história é também um elemento que deve ser considerado. O autor faz uma distinção que mais uma vez ratifica as disputas conceituais que opõem entre si certos historiadores brasileiros no século XIX: é o *estilo do escriptor*, e não do *historiador*; pertence o *estilo ao caracter e ao individuo*. Com efeito, se o historiador tem qualidades e se estudou aquilo que tem necessidade, ele pode escrever. Porém, lembra o autor, é preciso que o historiador escreva de *maneira mais facil e mais propria de exprimir os seus pensamentos, as suas ideias, e os seus sentimentos*. O que é então o *estilo*? *É o estylo o segredo da intelligencia, e o mysterio do escriptor*. O *estilo* é assim pura subjetividade? Não. O historiador deve se esforçar para conhecer *as regras da linguagem, a sua feitura, e as suas necessidades*. Eis, para Pereira da Silva, a *parte material* do *estilo*; todo o resto depende da *inspiração!* (Silva, 1858, p. 198-199).

Uma das críticas feitas ao *Plutarco brasileiro*, todavia, foi justamente de ter sido escrito com um “excessivo colorido do *estilo*”, o que torna sua análise próxima, às vezes, da “poesia apaixonada” (Silva, 1858, p. 1). Contudo, de acordo com Pereira da Silva, é preciso distinguir a imaginação que serve à história, aquela que cria o justo tom das cores, da imaginação poética. Essa diferença explica por que excelentes escritores podem ser péssimos historiadores:

Foram escriptores excellentes e máus historiadores Tito Livio, Guilherme Robertson e João de Barros; escriptores excelentes, porque interessa o seu *estilo*, encanta e arrasta: máus historiadores, porque aceitáram sem criterio um grande numero de factos, que incluíram nas suas historias, extravagantes uns, inverossimeis outros, e que não passavam de tradições populares revestidas da poesia do povo, que é toda patriotica, mas que não deixa de ser poesia, isto é, filha querida e doirada da imaginação. Os historiadores precisam de mais estudos, e de mais discernimento (Silva, 1858, p. 199).

Segundo Pereira da Silva, Sebastião da Rocha Pita, cuja biografia lhe suscitou essas reflexões, não soube, apesar de seus inumeráveis talentos, entre os quais aquele de escrever pequenas notícias biográficas, evitar a armadilha da *imaginação poética*, sobretudo quando descreve os fatos mais recuados de sua história. Não obstante, Pereira da Silva valoriza, no trabalho de Rocha Pita, a análise que este faz do seu tempo presente, para o qual não teria tido necessidade de fontes *lendárias*. Logo, Rocha Pita deve ser desculpado. Todas as nações do mundo, afirma Pereira da Silva, têm dificuldades para narrar seus *primeiros tempos* que “estão mais ou menos envoltos em véo misterioso e poético, que não ousa rasgar o historiador, dado mesmo que os não acredite” (Silva, 1858, p. 209). Essa premissa é válida também para os homens ilustres. Isso explica por que não é fácil encontrá-los, nem subtraí-los às versões míticas de sua vida.⁶

Obras e vidas paralelas: *Plutarco brasileiro* e Plutarco

Esse *presentismo* é aqui uma alternativa historiográfica. O *presente*, seja ele da história coletiva, seja aquele da biografia, impõe-se ao passado. Nenhuma novidade. Tucídides não pensava diferente (Hartog, 1999, p. 59). O interessante, nesse caso, é que Pereira da Silva parece sugerir que uma *imaginação controlada* deveria se superpor à *imaginação poética*, sendo essa mais apropriada às explicações sobre as origens.⁷ A questão do *presentismo* tem também relação com a pretensão de Pereira da Silva em instruir seus contemporâneos. O princípio que orienta o trabalho biográfico do autor pode ser, assim, comparados àquele de Plutarco: tornar conhecidos os atos dos grandes homens do passado no presente. Com efeito, a partir dos dois livros sobre a biografia de homens ilustres que serviram à nação brasileira pode-se tomar Pereira da Silva por uma espécie de *Plutarco brasileiro*. O próprio títulos de suas obras já indica que ele mesmo, provavelmente, se pensava um *Plutarco*. A manutenção, apesar de tudo, da estrutura biográfica nos *Varões illustres* parece confirmar essa hipótese. O próprio Pereira da Silva faz referência ao historiador grego na edição do *Plutarco brasileiro* de 1847.

Os costumes, os fatos históricos, a cronologia, as idéias morais e filosóficas da época, a influência dos homens celebres, tudo isso Plutarco estudou e soube; de sorte que quando lemos uma de suas vidas, parece que nos achamos no século que ele descreve, tão vivas são suas cores e tão perfeito o seu trabalho (Silva, 1847, p. 219-220).

O uso de Plutarco, de seu nome e de alguns de seus pressupostos temáticos solidificam as notícias biográficas de Pereira da Silva com a força dos argumentos de autoridade que a tradição clássica tem o hábito de conferir

à escrita da história do século XIX. O *Plutarco brasileiro*, de fato, opera em um registro próximo aquele de Plutarco, mas que não é necessariamente idêntico. Assim, explica François Hartog, como biógrafo, Plutarco *não se limita a contar todos os fatos célebres*, pois é “frequentemente mais instrutivo escolher os pequenos fatos, que são como ‘signos’ (sêmeia) da alma”; ele retém “a vida dos heróis aquilo que é ‘mais importante’ e ‘o mais bonito’; e volta-se para os grandes homens do passado grego e romano [...] propondo que sejam imitados por seus contemporâneos (gregos e romanos); enfim ele não se preocupa mais com as virtudes do que com a glória, com o presente mais do que com a posteridade” (Hartog, 1999, p. 187).⁸

Por outro lado, Pereira da Silva deve contar a vida de seus personagens globalmente. Ele não faz uma distinção clara entre os grandes e os pequenos fatos, nem cria uma hierarquização das qualidades pessoais dos indivíduos biografados. A glória, a virtude, a inteligência, o heroísmo e o patriotismo são as condições gerais e elementares dos indivíduos dos quais a vida ele narra. Mas podemos, também, apreender outras características nas biografias que se articulam umas nas outras sem, necessariamente, criar uma ordem de valores: a *alma pura* de José de Anchieta no século XVI, a *coragem* de André Vidal de Negreiros na luta contra os holandeses ou a *irreverência* de Gregório de Matos no século XVII, a *inventividade* de Bartholomeu Lourenço de Gusmão, e o *senso de justiça* de José Joaquim da Cunha de Azeredo Coutinho no século XVIII.

Pereira da Silva não fala, explicitamente, em imitação. Contudo, a perspectiva pedagógica na qual insere seus trabalhos não deixa dúvida de que um dos seus objetivos é o de propor aos seus leitores modelos imitáveis.⁹ Ele não tem, certamente, a mesma dependência face aos homens de ação que Plutarco, para quem os historiadores nada são sem eles: “se apagas, diz Plutarco, os homens de ação, não terás mais escritores” (Hartog, 1999, p. 179). Em uma obra posterior, na *Historia da fundação do imperio do brasileiro*, em sete volumes, o *Plutarco brasileiro* afirma quase o contrário:

Tive sempre gosto pela historia. Não a quero, porém, para saber datas, estudar vidas de principes e personagens illustres, e aprender o numero das guerras e combates que se pelejarão. Prefiro a que examina a fundo a sociedade inteira, que desce da cupola elevada até o humilde chão do povo miudo, discriminado as escalas e camadas pelas quaes se derrama a nação, e o sentir, o soffrer, o gozar e o aspirar de cada um dos subditos. Agrada-me mais a que desenha os traços da administração publica, no mais largo sentido d’esta palavra, social, politica. Assim comprehende a historia o povo e a nação toda, e a representa de perfil, de face, no corpo, nalma e no espirito. Afigura-se-me então a historia como o mais moralisado, instructivo, agradável e sublime dos ramos litterarios (Silva, 1864, p. 7).

Essa concepção deixa Pereira da Silva mais próximo de Michelet que de Plutarco, na medida em que o grande homem aqui parece ter se transformado na própria sociedade. A essa diferença teórica entre Pereira da Silva e o modelo plutarquiano é necessário acrescentar uma outra, no campo metodológico: a falta, pelo menos explicitamente, do *paralelo*, como um instrumento cognitivo nos trabalhos biográficos do brasileiro. Em Plutarco, explica François Hartog, o paralelo é concebido como princípio da imitação. Ele é

um espelho que deve reenviar ao leitor à imagem daquilo que gostaríamos que ele fosse ou que ele deveria ser. Ele é portanto uma variedade do *exemplum*: um exemplo desdobrado. Ele vai do passado em direção ao presente do leitor. Mas o paralelo é, com Plutarco, algo mais: instrumento de conhecimento e de melhoramento de si, é também a expressão de uma política cultural. Ele pressupõe e demonstra que os gregos e romanos pertencem ao mesmo mundo, compartilham a mesma natureza e os mesmos valores. Ele legitima (em grego, para leitores gregos e romanos) a existência de um império greco-romano, onde os gregos têm um lugar que lhes volta e um papel a desempenhar (Hartog, 1998, p. 161).

Acredito, todavia, que há, nas obras do historiador brasileiro o uso daquilo que se poderia chamar de um *paralelo subjacente*. Ele funciona na economia dos textos biográficos de Pereira da Silva como uma estratégia intelectual capaz de estabelecer relações entre um grande homem do *panteon* nacional e um grande homem pertencente a uma outra época ou contemporâneo daquele que está sendo biografado. A utilização desse *paralelo subjacente* auxilia o autor não somente a definir, por oposição ou analogia, algumas características pessoais desses *varões*, mas também a comparar as situações espaço-temporais pretensamente semelhantes.¹⁰

O *Plutarco brasileiro* de 1847 e os *Varões illustres* provêm de um mesmo cânon cultural cuja origem encontra-se no IHGB. Pereira da Silva produz uma versão plausível à proposta de Januário Cunha Barbosa. Por outro lado, ele demonstra que os modelos historiográficos do Brasil no século XIX eram, e este não parece ser um caso isolado, ainda mais dependentes da cultura clássica, cujas referências continuam válidas e atuantes, do que da história científica (metódica ou positivista). Em conseqüência, do mesmo modo que a opção romântica, ou a visão *medievalizada* do passado nacional (aquela que via no *Peri* de José de Alencar quase um cavaleiro medieval), não é uma posição cultural e política homogênea, a historiografia brasileira também

reflete certos desacordos: ela não tem unidade, nem fidelidade epistemológica (Cezar, 2002, p. 201-207). Era ser moderno se deixar levar pelas idéias românticas. Entretanto, o uso dos antigos não era sinônimo de atraso em relação a seu tempo. Ele procede, antes de tudo, da segurança metodológica e teórica que a experiência antiga conferia aos historiadores brasileiros oitocentistas. Plutarco era para Pereira da Silva um instrumento e uma idéia. Não se trata, portanto, de mera influência ou de simples imitação, mas caso o seja, parece válida a fórmula de Quintiliano no século I, “para quem não há *imitatio* sem *inventio*”.

O panteon contemporâneo do Brasil

A obra de Sébastien Auguste Sisson, a *Galeria dos brasileiros illustres (os contemporâneos), retratos dos homens mais illustres do Brasil, na politica, sciencias e letras, desde a guerra da independencia até os nossos dias* pode ser considerada como uma seqüência involuntária do trabalho de Pereira da Silva. O francês instalou-se no Brasil em 1852, exercendo o ofício de litógrafo e desenhista. Um sentimento de reconhecimento pela “hospitalidade amiga e generosa” que recebeu, segundo seu testemunho, no “seio do Império do Brasil”, o conduziu a esta *difficil e trabalhosa tarefa* (Sisson, 1861, p. 1).

A *Galeria* é composta por 90 notícias biográficas e de suas respectivas litografias. Entre elas, 39 eram de indivíduos mortos em 1861. Em torno de 30% são membros do IHGB. Três mulheres têm o direito de ser consideradas como *Brasileiros illustres*: a esposa do Imperador, Dona Thereza Christina Maria de Bourbon, e suas filhas, as princesas Isabel e Leopoldina. No entanto, mesmo se a *Galeria* foi recenseada nos catálogos historiográficos do Brasil como uma obra de Sisson, na realidade, não se trata de trabalho de um único autor. Sisson deixa no silêncio esse detalhe. Não se encontra nem na introdução, nem nas notícias biográficas, nem na dedicatória a D. Pedro II, sequer uma nota explicativa a propósito do assunto. Lemos os dois luxuosos volumes, apadrinhados pelo Imperador, como sendo a obra de Sisson. Uma leitura atenta, entretanto, coloca em dúvida a possibilidade da autoria individual. A homogeneidade textual é constantemente rompida por repetições indevidas, por contradições de ordem política e pelas diferentes formas como as biografias são escritas (conteúdo mais ou menos crítico, extensão da notícia, gênero de escrita – por exemplo o texto das princesas é uma poesia!). Também não se percebe algum tipo de organização que hierarquize as biografias. Os personagens não são classificados segundo uma seqüência cronológica ou alfabética, menos ainda de acordo com uma escala de valores. Nem mesmo a condição de fundador ou de continuador do

império não é um critério válido para criar uma classificação racional. Por exemplo: a biografia de D. Pedro I é a quarta do segundo volume, enquanto aquela de D. Pedro II é a vigésima do primeiro volume. Ao que tudo indica, as biografias são dispostas ao acaso. A única marca unificadora da obra é o retrato litografado de cada indivíduo, de modo geral, assinado por Sisson.

Essa desorganização parece ser o efeito da variedade de autores da *Galeria*. No *Dicionário de pseudônimos*, de Tancredo de Barros Paiva encontrei a informação de que a obra de Sisson teve, pelo menos, 39 colaboradores, responsáveis por 70 notícias biográficas (Paiva, 1929, p. 173). Podemos dividi-los em quatro grupos: 1. os redatores independentes (23); 2. os redatores membros da família, mas não identificados (7); 3. os membros da família identificados (2); 4. as autobiografias (7). Para as 20 biografias restantes Tancredo de Barros Paiva não indica o autor. Entre os colaboradores, observa-se a presença de figuras importantes da cena intelectual brasileira do período, entre os quais dois notáveis do IHGB, Manuel de Araújo Porto Alegre e Joaquim Caetano Fernandes Pinheiro; jornalistas conhecidos tais como Francisco Otaviano de Almeida Rosa, também senador, ministro e poeta, e Justiano José da Rocha, considerado o mais importante homem de imprensa da sua época, ou ainda, um grande escritor como José de Alencar que escreveu duas biografias, sendo uma delas de seu próprio pai. Todavia, o autor identificado por Tancredo de Barros Paiva como sendo aquele que redigiu o maior número de notícias na *Galeria* de Sisson foi Adolfo Bezerra de Menezes (1831-1900), responsável por 17 biografias.¹¹ Entre os redatores identificados, dois são autores e ao mesmo tempo biógrafos e biografados: José da Silva Carrão e D. Manoel de Assis Mascarenhas. Enfim, três notícias biográficas são assinadas: duas pelo Barão Homem de Mello; e uma por Francisco Octaviano.

Assim, a *Galeria* nada mais é do que a materialização de um empreendimento coletivo dissimulado sob o nome de Sisson. A variedade de autores, de origens e de formações intelectuais, coloca, de um lado, problemas quanto à unidade formal da obra e, de outro, permite a verificação das tendências e tensões pelas quais o estudo biográfico passava. Mais precisamente, notam-se, aqui, tentativas desses escritores em fazer da biografia um gênero histórico reconhecido, sobretudo quando se trata da vida dos contemporâneos. Nesse sentido, a *Galeria*, assinada por diversos autores, reinscreve os nomes dos principais brasileiros ilustres em um processo histórico inteiramente nacional e atual: “o título de nossa obra indica bem claramente, que tomámos por ponto de partida a época gloriosa da Independência do Brasil”. Por outro lado, as litografias conferem a esse contexto, e aqui notamos incontestavelmente a mão de Sisson, uma densidade visual, pois a “simples relação dos feitos dos grandes homens ainda não é

tudo: a nação, como a família, se apraz de conservar indelevel a imagem, e a figura de seus membros mais distintos”. A iconografia fornece à obra uma característica particular:

A patria, como a mais extremosa das mãis, se extasia ante os retratos de seus filhos: os contemporaneos, que nem todos conhecem de perto os seus concidadãos mais assignalados, e a posteridade, que é apenas herdeira de sua fama, folgão de procurar na frente do sabio os calculos profundos de sua vasta intelligencia, nos olhos do guerreiro o fogo marcial que brilhára nos campos de batalha. Encontra-se finalmente um encanto indisivel em ter junto da historia do heróe, ou do homem eminente, a imagem de seu rosto: então parece que se renova o passado, ou que se testemunha scenas brilhantes, de que se esteve longe: então como que se vê o estadista meditando no seu gabinete, como que se admira o orador na tribuna, e o poeta exaltando-se em suas horas da mais feliz e ardente inspiração (Sisson, 1861, p. 1).

O recurso iconográfico tem por função fazer com que os contemporâneos conheçam e reconheçam os *contemporâneos illustres*. Ele consolida a relação entre os homens comuns e a história narrada a partir dos grandes homens. Os homens comuns são chamados a observar a grandeza e a excepcionalidade das fisionomias e dos gestos dos grandes e excepcionais homens; os primeiros são passivos, os segundos os ativos. Essa assimetria não significa a exclusão do observador na construção histórica da nação brasileira. Ao contrário, ela indica os papéis de cada um no curso de um devir mais geral: uns fazem aquilo que os outros devem imitar. Ler uma biografia é, portanto, antes de tudo, um ato de contemplação, mas é igualmente um gesto de inserção cultural e política.

Nesse sentido, Sisson explica, nas páginas introdutórias do seu trabalho, que seu objetivo é o de fazer história, ou principalmente escrever de um ponto de vista histórico: ele deseja, *em uma palavra, apresentar os quadros e a historia do Brasil neste periodo*. Também é verdade que a *Galeria* tem por meta propor exemplos. No entanto, Sisson impõe à obra uma limitação metodológica: o historiador e o biógrafo sempre devem distinguir aquilo que é público daquilo que é privado na vida do indivíduo. A vida pública, e em princípio somente ela, é o que interessa: “em nossos trabalhos biographicos esmerilhando cuidadosos a vida publica do homem, suspenderemos nossos passos diante do lar domestico”. Deve-se fechar os olhos ao *proceder particular*, pois *não pertence ao escriptor a vida intima do cidadão: sómente à tradição cabe revelar estes detalhes para completar o caracter dos homens celebres*. A única exceção que autoriza o biógrafo a escrever sobre a vida privada é quando ela parece inseparável da vida pública. É o caso, por

exemplo, da biografia de Manoel Jacinto Nogueira da Gama, Marquês de Baependy (1764-1847). Conforme Justiano José da Rocha, autor dessa notícia, *na vida do nobre Marquez pôde-se considerar o homem privado e o homem publico*, pois *neste podemos ver – o homem de estudo e de magisterio, – o homem de administração, – e o homem politico*. Finalmente, conclui o redator, *por todos esses aspectos pôde o Brasil ufanar-se de tão distincto filho, e apresentalo como modelo*. Não se trata de uma amálgama entre o homem privado e o homem público, mas da anulação do primeiro pelo segundo. Esse apagamento, contudo, não significa a suspensão da vida privada, nem que ela seja desinteressante para a história. A vida privada dos homens ilustres brasileiros é um *segredo*, que deve ser preservado pelo biógrafo. Ele deve esperar que a *tradição* faça sua obra, que ela a desvele. Tal solução supõe a passagem do tempo. Isso significa que os aspectos particulares da vida de um homem, de um que mereça que lhe seja consagrada uma biografia, somente serão divulgados após um trabalho de lembranças da vida de um indivíduo, cuja biografia é apenas uma das fontes.¹² Trata-se, portanto, de um mesmo movimento historiográfico, tanto de proteção política e social da vida pública, bem como por outro de preservação da vida privada.¹³

A competência reduzida do biógrafo é explicada na *Galeria* como sendo, por vezes, um efeito da clássica distinção entre a história e a biografia.¹⁴ Na notícia biográfica de D. Pedro I, por exemplo, Justiano José da Rocha escreve que

o biographo não é historiador; se pôde indicar algumas observações, não deve demorar-se nellas, nem mesmo completa-las, cumpre que ellas saíão de si mesmas, das circumstancias da vida que narra, dos acontecimento em que seu heróe achou-se envolto como personagem capital: a nossa tarefa é pois limitada (Sisson, 1861, p. 7).

As pesquisas em biografia são rápidas, ligeiras. Os traços e as características sobre a vida de um indivíduo são imanentes àquilo que o biógrafo pode observar. Nesse sentido, a biografia surge do próprio biografado. Ela não tem exterioridade evidente ou importante. Mais ainda, o mundo individual e todas suas circunstâncias conjunturais não passam de manifestações ontológicas, quase epifanias. Porém, mesmo que elas surjam do próprio indivíduo, elas não provêm, curiosamente, do espaço privado, mas do espaço público. Assim, em uma outra notícia biográfica, aquela de Gabriel José Rodrigues dos Santos (1816-1858), o redator (alguém da família) afirma que ele quer iniciar seu relato de modo diferente das outras biografias: *Não começarei como quase todos os biographos, recordando os pais, a familia, e a adolescencia dos grandes caracteres*, visto que *os laços de ascendencia ou*

descendencia deixão inexplicavel o talento, a virtude e a gloria. Com efeito, as qualidades do personagem concentram-se e emergem dele mesmo: *uma vida triunphante – se revela por si mesmo, se traduz em seus actos, e se eternisa pelas proprias virtudes* (Sisson, 1861, p. 51).

Um outro fator restritivo à escrita biográfica é a contemporaneidade dos atores. É o que se passa na biografia de Joaquim José Ignácio, à época com 53 anos de idade. O autor, cuja identidade é desconhecida, explica no prefácio que:

escrever a vida dos que ainda vivem tem seus inconvenientes. A emulação em uns, e a inveja em outros procuram muitas vezes desmerecer factos, que, encarados sem preconceitos e más intenções dão altos direitos a consideração e respeito dos contemporaneos e dos pósteros. Demais, os proprios biographos não podem sempre dar o devido realce a algumas acções dos seus heróes, porque ordinariamente estes ou se negam ao fornecimento de apontamentos, ou os prestam tão succintos, que é impossivel desenvolver-los com todo o escrupulo e conveniencia da verdade (Sisson, 1861, p. 91).

O biógrafo do contemporâneo pode se chocar com as fontes, com os testemunhos que o cercam, cuja parcialidade nem sempre é assegurada, e também com o próprio biografado que, às vezes, se apresenta como um informante instável. Por isso, este gênero de trabalho, precisa o autor anônimo, depende de uma certa duração, de um certo *decorrimento do tempo, durante o qual fria e lentamente sejam estudados os elementos da historia que se procura escrever*. Ele encontra, desse modo, as condições necessárias para verificar com “severidade e paciência as circunstancias das épocas em que os factos se deram”. O redator conclui que “só de mortos se deve escrever a historia”. Entretanto, como é

voga de biografar os contemporaneos, que assumem os logares de primeira ordem social, e que sabem distinguir-se por qualquer genero de merito, que fôra injustiça, e injustiça clamorosa, omittir esse uso para com o eminente General da nossa Armada, o Sr. Chefe d’Esquadra – Joaquim José Ignacio (Sisson, 1891, p. 91).

A biografia do tempo presente é, ao que parece, um gênero provisório de história, ou melhor ainda, uma substituta que está conectada ao seu tempo: ela está na moda! Tal como essa, ela é leve e efêmera, e sua dimensão pública é, indiscutivelmente, o que mais conta. Não imaginemos, contudo, que seja fácil biografar a contemporaneidade dos homens ilustres. Ao contrário, além de ser uma das tarefas mais difíceis do biógrafo, ela também é um exercício *glorioso*, com o qual se pode estabelecer *o laço, o anel, a cadêa que prende duas épocas da historia do Brasil, o passado, época de lutas tremendas, e*

de organização depois da victoria; e a actualidade, periodo de progresso e civilização. Em 1861, o ano de 1822 e os eventos que o sucedem são vistos já como um passado instituído, mesmo se vários *combatentes* morreram recentemente ou se alguns deles ainda estão em vida. O discurso histórico brasileiro do século XIX tem essa capacidade de instaurar sem cessar o passado, mesmo o passado mais imediato, no seu próprio tempo para, assim, contitui-lo enquanto presente. Esse princípio de conversão temporal opera sobre a mesma rede que os registros biográficos; aquela do dinamismo, da rapidez, das novas modas, enfim das mudanças nas relações entre o público e o privado.

A *Galeria dos brasileiros ilustres* poderia ser catalogada como sendo uma tentativa limitada ou dispersa, ou uma resposta involuntária à proposta de Januário da Cunha Barbosa. Em todo caso, o trabalho assinado por Sisson não passou despercebido no IHGB. Ele merece mesmo uma resenha do então primeiro-secretário Joaquim Caetano Fernandes Pinheiro, que, em seu relatório anual, afirma:

Com igual prazer acolheu o Instituto a remessa que lhe fez o Sr. Sisson da importantissima obra de que é editor. Se a *Galeria dos Brasileiros Illustres* não pode ser ainda a biographia severa e desapaixonada que deve um dia, julgar os protagonistas do nosso grande drama politico, nem por isso é menos curiosa, nem exiguo serviço presta à historia, arrancando do esquecimento muitos factos que de balde um dia com afan se buscariam, reflectindo em suas paginas as varias cores da actualidade (Pinheiro, 1859, p. 700).

Inicialmente, o primeiro-secretário reconhece que Sisson é apenas o editor da obra. Pinheiro não tinha muita opção uma vez que ele mesmo era um dos redatores da *Galeria*. Após essa identificação, ele não menciona mais o nome de Sisson, nem de nenhum outro colaborador. *Galeria* é suficiente. Aliás, trata-se de trabalho que pode ser *aproveitável*, uma vez que *salva* certos nomes do anonimato. Porém, ainda que seja classificada como uma contribuição irrecusável, a obra não passa, para Pinheiro, de um trabalho de segunda categoria, um conjunto de dados, organizados sem o rigor e a racionalidade requeridos pelo IHGB. A *Galeria*, enfim, pode ser útil como um livro de Plutarco, mas não é científica.

Notas

¹ Mantive, nas citações dos textos do século XIX, a grafia original.

² Neste sentido, ainda em 1839, José Feliciano Fernandes Pinheiro, presidente do IHGB, servindo-se de uma citação do filósofo francês Victor Cousin, cuja influência sobre a primeira geração do instituto é notória, declara: *Dai-me a Carta – diz Cousin – de hum paiz, sua configuração, seu clima, suas aguas, seus ventos, e toda sua geographia fisica; informai-me de suas produções naturaes, de sua flora, de sua zoologia, etc. e eu me comprometo a dizer-vos a priori, qual será o homem deste paiz, e que lugar gosará na historia, não acidentalmente, mas necessariamente; não em tal época, mas em todas; em fim a idéa que este paiz he chamado a representar* (Pinheiro, 1839, p. 65; Cousin 1828, p. 210-211).

³ A constituição de um *panteon* nacional era uma questão problemática para os historiadores e biógrafos brasileiros daquele período. Como a própria nação estava em formação, o conceito de *brasileiro* não estava claro. De fato, determinar com precisão o que o constituía, sobretudo no período colonial, quem se enquadrava na condição de *ser brasileiro* parecia algo impossível. Assim, de maneira geral, o *panteon* nacional da *Revista do IHGB* era composto por aqueles que se tornaram *ilustres* ou *célebres*, aí compreendidos homens, mulheres, índios, mestiços e negros. Trata-se de uma concepção próxima àquela de Victor Cousin: *la règle fondamentale de la philosophie de l'histoire, relativement aux grands hommes, est de faire comme l'humanité, de les considérer par ce qu'ils ont fait, non par ce qu'ils ont voulu faire, ce qui n'a pas le moindre intérêt, puisqu'ils ne l'ont pas fait, de négliger la peinture de faiblesses inhérentes à leur individualité et*

qui ont péri avec elle, pour s'attacher aux grandes choses qu'ils ont faites, qui ont servi l'humanité, et qui durent encore dans la mémoire des hommes, enfin de rechercher et d'établir ce qui les constitue des personnages historiques, ce qui leur a donné de la puissance et de la gloire ; savoir, l'idée qu'ils représentent, leur rapport intime avec l'esprit de leur temps et de leur peuple (Cousin, 1828b, p. 267). Porém, diferentemente do caso francês, não há para os brasileiros uma distinção clara entre *homem ilustre* e *grande homem*. Ver (Bonnet, 1998, p. 32-49 e Ozouf, 1984, p. 144).

⁴ Por solicitação do IHGB, Manuel de Araújo Porto Alegre havia iniciado, em 1852, uma pesquisa para preparar um opúsculo onde constaria *uma colleção de imagens, às quaes juntaria algumas noticias biographicas*, que deveria servir de complemento ao *Plutarco brasileiro*. O projeto foi, no entanto, interrompido (Porto Alegre, 1856, p. 349).

⁵ Carine Flickinger explica em termos teóricos o princípio da *cor local l'idéal qui sous-tend la notion de 'couleur locale, en effet, est celui de la 'vie' ou de la 'réalité' fidelement reproduite. L'artiste s'attribue dans ce sens des dons d'observateur presque illimités, puisqu'il peut 'voir' la 'réalité' dans toute sa multiplicité, traverser les frontières – géographiques et mentales – et même, par le pouvoir 'magique' de son imagination, voyager dans le temps. L'intermédiaire du langage ne compromet nullement ces facultés: l'écrivain peut retranscrire tout ce qu'il a 'vu'* (Flickinger, 1995, p. 34-35). Agradeço a autora por me passar esse trabalho.

⁶ A biografia de Diogo Alvares, o Caramuru, que teria sido o primeiro europeu a habitar na Bahia, é um bom exemplo. Segundo Pereira da Silva, *convem profundamente pesquisar e estudar a existencia historica de*

Diogo Alvares. [...] É a nossa opinião esta; como ha nos primeiros tempos de todas as nações acontecimentos, que a tradição guarda, e passa de pais a filhos, e que com o andar dos tempos, vão calando no animo do povo, doirados pelo maravilhoso espirito da epocha, e desenvolvidos pela phantasia dos homens; assim nos parece ter sido a marcha da historia de Diogo Alvares, appellidado pelos indigenas Caramuru; tomou d'elle posse a ficção; creou-lhe a poesia romanescas aventuras; mas existiu Diogo Alvares, como existiu Carlos Magno, como existiu Rodrigo de Bivar, e como existiu Romulo. Comprovemos sua existencia com documentos irrecusaveis» (Silva, 1858, p. 307-310). Pereira da Silva discorda nesse ponto (como em outros) de Varnhagen, que acredita “sem a minima duvida na existencia do Caramuru” (Varnhagen, 1848, p. 144).

⁷ Acredito que é perfeitamente possível se fazer uma analogia entre essa *imaginação controlada* com aquilo que Paul Ricoeur chama de *ilusão controlada*. Escreve o filósofo francês: *je parlerai volontiers d'illusion contrôlée pour caractériser cette heureuse union qui fait, par exemple, de la peinture de la Révolution française par Michelet une œuvre littéraire comparable à Guerre et paix de Tolstoï, dans laquelle le mouvement procède en sens inverse de la fiction vers l'histoire et non plus de l'histoire vers la fiction* (Ricoeur, 1985, p. 338).

⁸ Françoise Frazier explica a distinção para Plutarco entre historiador e biógrafo. Para ela é preciso renunciar à ideia corrente selon laquelle la différence entre biographe et historien résiderait dans le choix de la matière, l'un se réservant les 'petits faits' et l'autre les 'grands événements'. On ne peut pas plus la placer dans les intentions 'pédagogiques' de Plutarque : tout historien antique veut aussi instruire son lecteur et la morale tient une grande place dans ses leçons, parce que les hommes, avec leur

raison et leurs passions, jouent un rôle capital dans la marche de l'Histoire. Mais, et là se fait leur différence, l'historien s'applique à analyser la causalité historique pour améliorer la compréhension de faits du même ordre et apprendre à y faire face, tandis que le biographe n'attache aucune importance à la chaîne causale, dédain qui se traduit dans l'élaboration même du récit» (Frazier, 1996, p. 95).

⁹ O paradigma é sempre Plutarco, que no prefácio às vidas de Paulo-Emílio e Timoleon, escreve: “L'histoire est à mes yeux comme un miroir, à l'aide duquel j'essaie, en quelque sorte, d'embellir ma vie, et de la conformer aux vertus de ces grands hommes. J'ai vraiment l'impression d'habiter et de vivre avec eux: grâce à l'histoire, j'offre l'hospitalité, si l'on peut dire, à chacun d'entre eux tour à tour, l'accueillant et le gardant près de moi; je contemple comme il fut grand et beau, et je choisis les plus nobles et les plus belles de ses actions afin de les faire connaître” (Plutarque, 2001, p. 465). Ao analisar a questão da imitação, Françoise Frazier mostra “qu'à chaque fois, le miroir présente ainsi l'image du vrai et du bien et se lie à la notion de modèle; on peut, grâce au miroir, contempler et imiter, [...]. Condamnée sans appel par Platon dans le domaine artistique, où elle est synonyme 'd'exténuation ontologique', l'imitation a en revanche droit de cité en morale; mieux, l'imitation des belles actions, celle que prônent aussi les *Vies*, est la seule valable pour l'homme de bien. Telle est la conclusion à laquelle parvient Platon, lorsqu'il réfléchit à l'éducation des futurs chefs de la cité (*Reff.* III. 395C), c'est-à-dire lorsque, comme Plutarque, il se situe dans une perspective pédagogique (Frazier, 1996, p. 60).

¹⁰ De acordo com M. Nouilhan, Jean-Marie Pailler e Pascal Payen, na introdução que fazem a uma outra obra de Plutarco: “les parallèles (sunkriseis) qui terminent les

couples de *Vies* sont loin de tourner systématiquement à l'avantage du Grec 'civilisé' ou du Romain victorieux. Le critère, pour l'auteur [Plutarque], n'est pas dans l'origine civique ou culturelle du héros, ni dans la grandeur de sa cité, mais dans la démonstration, face aux circonstances historiques, des qualités de l'homme de guerre, de l'homme d'État, de l'homme tout court. L'essentiel est que l'univers de référence fourni par les grands exemples du passé gréco-romain et par leur mise en parallèle autorise l'habitant même d'une petite ville de l'Empire, comme la Chéronée de Plutarque, à se fixer comme objectif la 'vie bonne' gouvernée par l'arété" (Plutarco, 1999, p. 47).

¹¹ Adolfo Bezerra de Menezes, doutor em Medicina pela Faculdade do Rio de Janeiro (1856). Reeito deputado por várias legislaturas. Torna-se médico-homeopata e adepto do Espiritismo. Tornou-se conhecido como o "Alan Kardec brasileiro" e o "Médico dos Pobres". Morre em grande miséria (Menezes, 1969, p. 439).

¹² Podemos aproximar essa tendência que traça uma fronteira entre biógrafo e biografado dos princípios que orientaram a criação no IHGB da *arca do sigillo*, dentro da qual seriam guardados documentos que somente seriam divulgados depois de passado um certo período (RIHGB, 1847, p. 567).

¹³ É preciso lembrar que a distinção entre vida pública e vida privada insere-se também em uma concepção da história, que mais tarde será designada por *positivista*. Segundo Giovanni Levi: "Un compromis fut trouvé dans la biographie morale qui, de fait, renonçait à l'exhaustivité et à la véracité individuelles pour rechercher un accent plus didactique, en ajoutant parfois passions et émotions au contenu traditionnel des biographies exemplaires, à savoir les faits et gestes du protagoniste. À vrai dire, cette simplification suppose une certaine

confiance dans la capacité de la biographie à décrire ce qui est significatif dans une vie. Cette confiance culminera d'ailleurs dans le positivisme et le fonctionnalisme, avec lesquels la sélection des faits significatifs va accentuer le caractère exemplaire et typologique des biographies, en privilégiant la dimension publique par rapport à la dimension privée et en considérant comme insignifiants les écarts aux modèles proposés" (Levi, 1989, p. 1328).

¹⁴ Arnaldo Momigliano mostra que a separação entre biografia e história é uma herança da historiografia grega: «la biographie et l'autobiographie furent des genres autonomes dès leur origine et se développèrent parallèlement à l'histoire politique : celle-ci ne les absorba jamais. La distinction entre biographie et histoire (entendons ici l'histoire politique) fut fondée en théorie au cours de la période hellénistique, mais elle existait déjà en fait au V^e siècle (Momigliano, 1983, p. 108). É necessário notar que essa distinção não é muito clara nem muito presente no discurso histórico oitocentista do Brasil. No entanto, ela pode ser uma explicação para a ausência de grandes biografias escritas por importantes historiadores brasileiros da época. A despeito da influência de Victor Cousin, sobretudo na primeira geração do IHGB, essa fraca produção de biografias parece seguir o movimento mais geral da história durante o século XIX, que testemunha o afastamento do gênero biográfico da história. De acordo com Loriga, "*le fossé entre biographie et histoire s'est creusé au cours du XIX^e siècle chez les philosophes, quand on a commencé à chercher le sens de l'histoire empirique dans l'histoire philosophique. Une certaine réduction de la place de l'individu était déjà présente dans une brève étude sur la finalité de l'histoire écrite, en 1784, par Emmanuel Kant, qui représentait l'homme comme un moyen, pour la nature, de réaliser ses propres fins*: l'histoire

devait changer d'échelle pour dépasser le cas individuel car ce qui, chez des individus singuliers, se révélait confus et irrégulier apparaissait dans la totalité de l'espèce comme une succession homogène et cohérente d'événements. La dimension biographique a perdu davantage encore de son intérêt avec la préférence accordée à une vision providentielle de l'histoire.

Lorsque les événements du monde, des plus divers jusqu'aux plus aberrants, ont été intégrés dialectiquement dans une perspective eschatologique (celle d'un développement infini et nécessaire du genre humain), les individus sont apparus comme des instruments de la raison, qui accomplissent ce qu'ils ne peuvent même pas comprendre" (Loriga, 1996, p. 213).

Referências bibliográficas

BARBOSA, Januário da Cunha. Discurso do premier secrétaire perpétuel. *Revista do IHGB*, p. 9-18, 1839.

BONNET, Jean-Claude. *Naissance du Panthéon : essai sur le culte des grands hommes*. Paris: Fayard, 1998.

CEZAR, Temístocles. *L'écriture de l'histoire au Brésil au XIX^e siècle. Essai sur une rhétorique de la nationalité: le cas Varnhagen*. 2002. 639 p. Tese (Doutorado sob orientação de François Hartog) EHESS, Paris.

COUSIN, Victor. "Huitième leçon. 12 juin 1828. Cours de l'histoire de la philosophie", *Cours de Philosophie. Introduction à l'histoire de la philosophie* (1828). Paris: Fayard, 1991a.

COUSIN, Victor. "10^e Leçon. 26 juin 1828. Cours de l'histoire de la philosophie", *Cours de Philosophie. Introduction à l'histoire de la philosophie*. Paris: Fayard, 1991b. p. 250-276.

ENDERS, Armelle. O Plutarco brasileiro. A produção dos vultos nacionais no segundo reinado. *Estudos Históricos*, Rio de Janeiro, p. 41-61, 2000.

FLICKINGER, C. *L'histoire entre art et science: la "couleur locale" chez Thierry et Barante*.

Université de Genève, Faculté des Lettres, Département d'Histoire générale, mémoire de licence sous la direction de François Hartog, 1995.

FRAZIER, Françoise. *Histoire et morale dans les vies parallèles de Plutarque*, Paris, Les Belles Lettres, 1996.

HARTOG, François. Du parallèle à la comparaison: entretiens d'archéologie et d'histoire. *Plutarque: grecs et romans en question*. Paris, 1998. p. 161-171.

_____. *L'histoire d'Homère à Augustin*. Paris: Seuil, 1999.

_____. Plutarque entre les anciens et les modernes. In: PLUTARQUE. *Vies parallèles*. Paris: Gallimard, 2001. p. 9-49.

LEVI, G. Les usages de la biographie. *Annales*, n. 6, p. 1325-1336. nov./déc. 1989.

LORIGA, S. La biographie comme problème. In: REVEL, Jacques (sous la direction de). *Jeux d'échelle: la micro-analyse à l'expérience*. Paris: Seuil/Gallimard/EHESS, 1996. p. 209-231.

MENEZES, Raimundo. *Dicionário literário brasileiro (ilustrado)*. São Paulo: Saraiva, 1969.

- MOMIGLIANO, Arnaldo. Mise au point sur la biographie grecque. In: *Problèmes d'historiographie ancienne et moderne*. Paris: Gallimard, 1983. p. 104-119.
- _____. *Les origines de la biographie en Grèce ancienne*. Paris: Strasbourg, Circé, 1991.
- OZOUF, Mona. Le Panthéon, l'école normale des morts. In: NORA, Pierre. (Ed). *Les lieux de mémoire, la république*, t. 1, Paris: Gallimard, 1984. p. 139-166.
- PAIVA, Tancredo Duque-Estrada de Barros. *Achegas a um dicionario de pseudônimos (iniciais, abreviaturas e obras anônimas de autores brasileiros e de estrangeiros, sobre o Brasil)*. Rio de Janeiro: J. Leite & Cia., 1929.
- PINHEIRO, J. F. F. Programa historico. *Revista do IHGB*, p. 65-85, 1839.
- _____. Relatório do 1º secretario interino. *Revista do IHGB*, 22, p. 683-704. 1859.
- PLUTARQUE. *Vies parellèles*, Paris: Gallimard, 2001.
- _____. *Grecs et romains en parallèle*. Paris: Le Livre de Poche Bibliothèque Classique, 1999.
- POMIAN, Krzysztof. *Sur l'histoire*. Paris: Gallimard, 1999.
- PORTO ALEGRE, Manuel de Araujo. Iconographia brasileira. *Revista do IHGB*, p. 349-354. 1856.
- RICCEUR, Paul. *Temps et récit*. V. III. Paris: Éditions du Seuil/Essais, 1985.
- RODRIGUES, José Honório. *Teoria da História do Brasil: introdução metodológica*, 5. ed. São Paulo: Companhia Editora Nacional, 1978.
- SILVA, João Manuel Pereira da. *O Plutarco brasileiro*. Rio de Janeiro: Laemmert, 1847.
- _____. *Varões illustres do Brazil, durante os tempos coloniaes*. Paris: Livraria de A. Franck, 1858, 2 v.
- _____. *Historia da fundação do Imperio do brasileiro*. Rio de Janeiro: Garnier, 1864, t. I.
- SISSON, S. A. *Galeria dos brasileiros illustres (os contemporaneos), retratos dos homens mais illutres do Brasil, na politica, sciencias e letras, desde a guerra da independencia até os nossos dias*. Copiados por SISSON S.A, acompanhados das suas respectivas biographias. Publicado sob a protecção de S. M. o Imperador. Rio de Janeiro: Lithographia de A. S. Sisson, 1859-1861, 2 v.
- VARNHAGEN, F. A. de. O Caramurú perante a historia. *Revista do IHGB*, 1848. p. 129-152.
- VIANNA, Candido José de Araujo. Discurso do Presidente Visconde de Sapucahy. *Revista do IHGB*, n. 21, p. 502-505, 1858.